

---

# A possibilidade de uma ilha



---

# Michel Houellebecq

A possibilidade  
de uma ilha

---

*Para Antonio Muñoz Ballesta e a sua mulher Nico,  
sem a amizade e a grande amabilidade dos quais  
não teria sido possível escrever este livro.*



Sejam bem-vindos à vida eterna, amigos.

Este livro deve o seu aparecimento a Harriet Wolff, uma jornalista alemã que encontrei em Berlim há alguns anos. Antes de me fazer perguntas, Harriet insistiu em contar-me uma pequena fábula. Esta fábula simbolizava, em sua opinião, a posição de escritor que é a minha.

Estou numa cabina telefónica, depois do fim do mundo. Posso fazer os telefonemas que quiser, sem limitações. Ignora-se se há mais sobreviventes, ou se as minhas chamadas não passam do monólogo de um desequilibrado. Por vezes, a chamada é breve, como se me tivessem desligado o telefone na cara; outras vezes prolonga-se, como se me ouvissem com uma curiosidade condenável. Não há dia, nem noite; a situação não pode ter fim.

Bem-vinda à vida eterna, Harriet.

Quem de entre vós merece a vida eterna?

A minha encarnação actual degrada-se; não creio que possa prolongar-se por muito tempo. Sei que na minha próxima encarnação voltarei a encontrar o meu companheiro, Fox, o meu pequeno cão.

A vantagem da companhia de um cão deve-se à possibilidade de o tornar feliz; exige coisas tão simples, o seu ego é tão limitado. É possível que em tempos idos a mulher se tenha encontrado numa situação comparável – próxima da do animal doméstico. Havia sem dúvida uma forma de felicidade domótica relacionada com o funcionamento colectivo, que já não somos capazes de poder compreender; existia sem dúvida o prazer de constituir um organismo funcional, adequado, criado para realizar uma sucessão discreta de tarefas – e estas tarefas, repetindo-se, constituíam a sucessão discreta dos dias. Tudo isso desapareceu, e a sucessão de tarefas também; já não temos verdadeiramente um objectivo determinado; as alegrias do ser humano permanecem-nos desconhecidas, as desventuras, por outro lado, não nos abandonam. As nossas noites já não vibram de terror nem de êxtase; mas vamos vivendo, atravessamos a vida, sem alegrias nem mistérios, o tempo parece-nos breve.



A primeira vez que encontrei Marie22, foi num servidor espanhol de gama baixa; os tempos de conexão eram terrivelmente longos.

*A fadiga provocada  
Pelo velho Holandês morto  
Não é coisa que se demonstre  
Muito antes do regresso do mestre.*

2711, 325104, 13375317, 452626. No endereço indicado, tive a imagem da cona dela – agitada, pixelizada, mas estranhamente *real*. Seria um ser vivo, morto ou intermédio? Talvez uma intermédica, acho eu; mas não é assunto de que se fale.

As mulheres transmitem uma impressão de eternidade, com a sua cona presa a mistérios – como se se tratasse de um túnel aberto para a essência do mundo, quando se trata apenas de um pequeno buraco caído em desuso. Se conseguem transmitir esta impressão, melhor para elas; a minha palavra é compassiva.

*A graça imóvel,  
Sensivelmente esmagadora  
Que decorre da passagem das civilizações  
Não tem a morte por corolário.*

Devia ter ficado por aqui. Cessado o jogo, a intermediação, o contacto; mas era demasiado tarde. 258, 129, 3727313, 11324410.

A primeira sequência fora filmada de uma elevação. Imensas coberturas de plástico cinzento cobriam a planície; estávamos a norte de Almeria. A colheita da fruta e dos legumes que cresciam em estufas era, até há pouco tempo, efectuada por operários agrícolas – em geral de origem marroquina. Depois da automatização, eles tinham-se evaporado nas serras circundantes.

Para além dos equipamentos habituais – central eléctrica alimentadora da barreira de protecção, comunicação por satélite, receptores – a unidade Proyecciones XXI,<sup>13</sup> dispunha de um gerador de sais minerais, e da sua própria fonte de água potável. Encontrava-se afastada dos grandes eixos, e não figurava em nenhum mapa recente – a sua construção era posterior aos últimos registos. Depois da supressão do tráfego aéreo e do estabelecimento de um ruído permanente nas bandas de transmissão por satélite, tornara-se praticamente impossível de referenciar.

A sequência seguinte podia ter sido um sonho. Um homem que tinha a minha cara comia um iogurte numa fábrica de siderurgia; o manual de instruções das máquinas-ferramentas estava redigido em turco; era pouco provável que a produção viesse a recomeçar.

12, 12, 533, 8467.

A segunda mensagem de Marie22 dizia assim:

*Eu estou sozinha como uma idiota  
Com a minha  
Cona.*

245535, 43, 3. Quando digo «eu», estou a mentir. Examinemos o «eu» da percepção – neutro e límpido. Ponhamo-lo em relação com o «eu» da intermediação – como tal, o meu corpo pertence-me; ou, mais precisamente, eu pertenço ao meu corpo. Que observamos? Uma ausência de contacto. Temei a minha palavra.

Não quero alhear-vos deste livro; vivos ou mortos, vocês são *leitores*.

Tudo se passa fora de mim; e desejo que se passe – assim, em silêncio.

*Ao contrário da ideia assente,  
A palavra não é criadora de um mundo;  
O homem fala como o cão ladra  
Para exprimir raiva, ou medo.*

*O prazer é silencioso,  
Tal como o é o estado de felicidade.*

O eu é a síntese dos nossos insucessos; mas é apenas uma síntese parcial. Temei a minha palavra.

Este livro destina-se à edificação dos Futuros. Os homens, pensarão eles, foram capazes de produzir isto. É alguma coisa; não é tudo; estamos perante uma produção intermédia.

Marie22, se existe, é uma mulher na mesma medida em que eu sou um homem; numa medida limitada, refutável.

Aproximo-me, também eu, do fim do meu percurso.

Nada será contemporâneo do nascimento do Espírito, senão os Futuros; mas os Futuros não são seres, no sentido em que os entendemos. Temei a minha palavra.



Primeira parte

Comentário de Daniel<sup>24</sup>



## Daniell,1

«Ora, que faz um rato acordado? Fareja.»

Jean-Didier – biólogo

Como continuam presentes na minha memória os primeiros instantes da minha vocação de bobo! Tinha então dezassete anos, e passava um mês de Agosto bastante monótono num clube *all inclusive* na Turquia – foi, aliás, a última vez que passei férias com os meus pais. A idiota da minha irmã – que tinha treze anos – começava a provocar todos os gajos. Foi ao pequeno-almoço; como todas as manhãs, formara-se uma fila para os ovos mexidos, que os veraneantes pareciam apreciar particularmente. Ao meu lado, uma velha inglesa (seca, maldosa, do género capaz de esfolar raposas para decorar o *living-room*), que já se servira de ovos em abundância, apoderou-se sem hesitar das três últimas salsichas que restavam na travessa de metal. Eram onze horas menos cinco, estava a terminar o serviço do pequeno-almoço, parecia impensável que o empregado trouxesse mais salsichas. O alemão que estava atrás dela na fila ficou petrificado; o garfo que já apontava para uma salsicha mobilizou-se a meio do trajecto, o rubor da indignação espalhou-se-lhe pelo rosto. Era um alemão enorme, um colosso, mais de dois metros, pelo menos cento e cinquenta quilos. Por momentos pensei que fosse espetar o garfo nos olhos da octogenária, ou apertar-lhe o pescoço e esmagar-lhe a cabeça contra o distribuidor de pratos quentes. Ela, como se nada fosse, com o egoísmo senil e inconsciente



dos velhos, encaminhava-se para a mesa num passo saltitante. O alemão controlou-se, senti que fazia um enorme esforço para se controlar, mas a sua expressão acabou por recuperar a calma e regressou, pesaroso, sem salsichas, para junto dos seus congêneres.

A partir deste incidente, compus um pequeno *sketch* relatando uma revolta sangrenta num clube de férias, desencadeada por pormenores de somenos importância que contrariam a fórmula *all inclusive*: uma penúria de salsichas ao pequeno-almoço, seguida por um suplemento a pagar pelo minigolfe. Nessa mesma noite, apresentei o *sketch* ao serão «Você tem talento!» (um dia por semana, o espectáculo era composto por números apresentados pelos veraneantes, em substituição dos animadores profissionais); fui eu que interpretei todos os papéis, estreando-me assim na via do *one man show*, que praticamente nunca mais abandonaria ao longo da minha carreira. Quase toda a gente assistia ao espectáculo depois do jantar, não havia grande coisa a fazer antes da abertura da discoteca; o que reunia desde logo uma assistência de oitocentas pessoas. A minha prestação alcançou um sucesso caloroso, muitas pessoas riam até às lágrimas e tive direito a prolongados aplausos. Nessa mesma noite, na discoteca, uma morena bonita chamada Sylvie disse-me que eu a tinha feito rir muito e que apreciava os rapazes que tinham sentido de humor. Querida Sylvie. Foi assim que perdi a virgindade, e que se definiu a minha vocação.

Depois do *baccalauréat*<sup>1</sup>, inscrevi-me num curso de actores; seguiram-se anos pouco gloriosos durante os quais me tornei cada vez mais maldoso, e por conseguinte cada vez mais cáustico; o sucesso, nestas condições, acabou por chegar – e com uma grandeza que me surpreendeu.

---

<sup>1</sup> Também conhecido como *Le bac*: exame feito no final do ensino secundário, antes da entrada na universidade. (*N. da R.*)